

MATOSINHOS

(Matosinhos)

A imagem medieval de Cristo conhecida popularmente como o *Senhor Bom Jesus*, que é procedente do mosteiro de São Salvador de Bouças, preserva-se hoje na capela-mor da igreja paroquial do Senhor Bom Jesus de Matosinhos. Para a visitar deve dirigir-se ao centro da cidade de Matosinhos.

Igreja do Senhor Bom Jesus de Matosinhos. *Cristo do Mosteiro de Bouças*

O MOSTEIRO DE SÃO SALVADOR DE BOUÇAS encontra-se referido na documentação medieval desde 944, tendo sido nele que foi assinado o documento fundacional da igreja de São Martinho de Aldoar (Porto). A sua fundação será, portanto, anterior a esse ano. Em 1032 um novo diploma volta a referir o cenóbio quando são vendidos uns talhos de salinas em *Matesinus*, situados num herdamento do mosteiro. Em 1113 era habitado por cónegos, seguindo, portanto, a regra de Santo Agostinho. A área de Bouças seria incluída na doação de 1123, que a condessa D. Teresa entregou ao bispo do Porto, D. Hugo. Mas, poucos anos volvidos, o mosteiro estava de novo na posse da coroa. Passou, depois, a ser casa feminina, regendo-se pela regra de São Bento. Em 2 de maio de 1196 D. Sancho I doou o padroado do mosteiro de Bouças a sua filha, a Infanta D. Mafalda. Esta haveria de doar os seus direitos de Bouças à Ordem de São João do Hospital, com reserva de usufruto, uma decisão que foi revertida por D. Afonso II e aceite por decretal do papa Inocêncio III, de 23 de julho de 1212. De novo na posse de D. Mafalda, esta promoveu a filiação da instituição na ordem de Cister, por volta de 1249 (como o parece sugerir um breve do papa Inocêncio IV), preservando-a como comunidade feminina. Quando a infanta D. Mafalda faleceu, em 1256, o mosteiro esteve fugazmente na posse do mosteiro de Arouca, mas D. Afonso III reverteu igualmente a decisão, em 1257. A partir de então parece ter ficado reduzido à condição de templo paroquial, muito embora continuemos a encontrar menções ao abade (agora certamente referindo-se ao pároco, numa tradição que ainda se mantém hoje). Em 9 de setembro de 1304 D. Dinis haveria de doar umas casas e pardieiros em Bouças, que tinham sido da rainha D. Mafalda, ao bispo do Porto, D. Geraldo Domingues (1300-1308). Assim se inauguravam os inte-

resses patrimoniais deste prelado portuense em Bouças, que se viram alargados a 30 de abril de 1305, com a doação perpétua da igreja de São Salvador de Bouças por D. Dinis, feita a título pessoal a D. Geraldo, e não enquanto bispo do Porto, como o monarca não se esquece de esclarecer. Os rendimentos do templo seriam reforçados em 27 de outubro de 1306 com a doação, ainda por D. Dinis, da igreja de São Miguel de Amorosa (Leça da Palmeira) à igreja de Bouças. Em 1320 o templo era mencionado apenas como *ecclesiam Sancti Salvatoris de Baucis*, sem qualquer menção à instituição monástica, uma designação que, em 1371, seria abreviada em *ecclesia de Bouças*. Em 1541 os seus rendimentos seriam anexados à Universidade de Coimbra, para sustento dos lentes, uma iniciativa de D. João III reconhecida por Roma no ano seguinte.

As primeiras instalações monásticas localizavam-se no lugar do Mosteiro, em Bouças (na rua de Bouças, uma transversal da rua do Convento, junto do entroncamento da rua Alfredo Cunha com a rua de Sendim). Mais tarde, quando o edifício apresentava sinais de degradação, foi decidido construir um novo espaço de culto, deslocado para a atual implantação, no topo norte da avenida D. Afonso Henriques, a uns 750 metros a noroeste do primitivo cenóbio. A iniciativa de construir este novo edifício pertenceu à Universidade de Coimbra e dele se encarregou João de Ruão, em 1559. As obras prolongaram-se entre 1560 e 1579. No século XVIII, coincidindo com um forte incremento do culto à imagem do Crucificado, a igreja sofreu uma profunda remodelação arquitetónica, que alterou radicalmente o edifício riscado por Ruão. Deste restam apenas as imagens da Virgem Maria, de São João Batista, de Nicodemos e de José de Arimateia, que Tomé Velho executara em 1572 para o altar-mor da igreja maneirista, e que continuam integradas no retábulo barroco da igre-



Interior da igreja do Senhor Bom Jesus de Matosinhos. Perspetiva a partir do lado ocidental. No fundo está a imagem do Cristo do Mosteiro de Bouças

ja. O novo templo, setecentista, acabaria por receber uma ampliação, segundo plano de Nicolau Nasoni, executada a partir de 1743 pelo mestre pedreiro António Rodrigues. O retábulo de talha dourada, onde hoje se expõe a imagem, foi encomendado em 1726 ao entalhador português Luís Pereira da Costa e aos douradores João Lopes da Maia e Bento de Sousa. A trasladação solene da imagem para o novo altar-mor ocorreu em maio de 1733, conhecendo-se os três sermões pregados aquando das festividades, a 4, 5 e 6 de maio de 1733, da autoria de Manuel dos Reis Bernardes, Fr. João de Deus Monte Alverne e Manuel Pereira Álvares, que costumam acompanhar a edição da obra de António Cerqueira Pinto, saída dos prelos em 1737.

Uma lenda popular, insistentemente transmitida, pretende que esta seja uma das doze imagens esculpidas por *Nicodemus*, que, com José de Arimateia, ajudou a retirar o corpo de Cristo da cruz. As esculturas, lançadas à água, teriam aportado em vários lugares. Neste caso, teria percorrido o Mediterrâneo e aportado à praia do Espinheiro ou praia de Matosinhos. Esse local está assinalado, desde o século XVIII, pelo Padrão do Bom Jesus ou do Senhor da Areia, um monumento criado em 1726 (como se gravou sobre uma cartela epigrafada), ou seja, no mesmo ano em que se encomendou o novo retábulo para a igreja paroquial. De pouco interessa que a lenda de *Nicodemus* e da imagem não tenha qualquer fundamento. Ela serviu de las-

tro para uma crescente fama que a escultura foi granjeando ao longo dos séculos e que chegou até nós, conferindo-lhe uma espessura histórica e antropológica única.

A imagem do Bom Jesus de Bouças mede 204 x 169 x 33 cm, sendo, por isso, uma escultura ligeiramente superior à escala 1:1. Segundo Alexandre Maniés, que realizou um criterioso restauro, as análises realizadas à sua madeira não permitiram identificar a espécie, mas determinaram o género *Salix Sp*, podendo ser vimeiro ou, mais provavelmente, salgueiro. Em qualquer das alternativas, não se trata de uma madeira muito comum neste tipo de trabalho escultórico. Os exaustivos exames a que a imagem foi submetida durante o restauro incluíram a datação por C^{14} , que forneceu uma data de 1210 ± 30 d.C. Esta data corresponde ao momento de abate da árvore, o que, se considerarmos o tempo necessário para a madeira secar para ser trabalhada em segurança, permite atribuir a execução da escultura aos meados do século XIII. Por isso, hoje estamos habilitados a afirmar que a encomenda da escultura do Bom Jesus de Bouças deve ter sido uma iniciativa da infanta D. Mafalda, devendo ser enquadrada no momento em que promoveu a mudança de regra, filiando o mosteiro no ramo feminino dos cistercienses.

A escultura apresenta Cristo pregado na cruz com 4 cravos (um para cada mão e cada pé), tendo, portanto, os pés separados. Esta opção de representar os pés lado a

lado, cada um com seu cravo, é a mais antiga. Posteriormente, como se sabe, a iconografia haveria de optar por sobrepor os pés, socorrendo-se de um único cravo para a fixação. A figura de Cristo é dominada por uma rigidez assinalável, evitando exteriorizar sinais de dor e de sofrimento. Com efeito, o Cristo de Bouças apresenta o corpo muito pouco fletido e as mãos estão esticadas. Trata-se, por isso, de um Cristo triunfante, próprio da sensibilidade românica. A sua cabeça, ligeiramente inclinada sobre o lado esquerdo do observador (ou seja, sobre o ombro direito de Cristo), apresentava-se coroada e coberta com cabeleira até um passado recente. O criterioso restauro a que foi submetida recentemente restituiu-lhe a configuração medieval. Sabemos hoje que a solução original optava por uma singela coroa, baixa, talhada na madeira, a qual foi parcialmente mutilada no século XVIII, quando foi adaptada para receber a cabeleira. A face apresenta-se de olhos abertos, um voltado para terra (e para os homens), o outro orientado para o Céu. Mas esta solução, tantas vezes sublinhada nos estudos sobre esta escultura, corresponde aos repintes mais tardios. Uma cuidada barba, de madeixas tratadas com sulcos paralelos que se enrolam nas extremidades, em forma de vírgula, remata o rosto do Salvador. O seu corpo apresenta-se desnudado, sendo bem visíveis as marcas das costelas, tratadas de forma esquemática e artificial. Já os braços, que se esticam quase retos e horizontais, sem ceder ao peso do corpo, ostentam as mãos espalmadas, de dedos longos e abertos, recebendo os cravos nas palmas sem que os dedos se crispem em sinal de sofrimento. O seu corpo, num alongado e suave S, ostenta um *perizonium*, ou pano de pureza, que no lado esquerdo desce quase até ao tornozelo, mas que, no lado direito, deixa ver o joelho direito. Na parte superior, o *perizonium* apresenta um nó volumoso e artificial. No século XVIII foi revestido por uma tela de couro, que corrigiu a volumetria. Esse acrescento foi removido pelo restauro de Alexandre Maniés, que devolveu o *perizonium* à sua morfologia original. O restauro permitiu verificar que a escultura era originalmente composta por três partes: o tronco e os membros inferiores foram talhados numa peça única; os dois braços, naturalmente, esculpidos em outras tantas peças. Mas posteriormente, o aparecimento de uma fissura na madeira levou a que, para sustentar a sua propagação, a escultura fosse cortada em duas partes, ligadas entre si por cavilhas de madeira e reforçadas com grampos de metal. Na parte anterior a escultura apresenta-se escavada, uma solução muito usual em trabalhos em madeira e pedra, para diminuir o peso das imagens.

A imagem do Cristo do mosteiro de Bouças encontra-se pregada numa cruz que mede 233 x 184 x 15 cm. A



Cristo do Mosteiro de Bouças

tipologia da cruz, que representa os arranques de ramos, permitem incluí-la no grupo das cruces arbóreas, que foram muito do agrado do século XIII, e de que se conhecem vários exemplares (como, por exemplo, a cruz do MNAA, procedente da Col. Ernesto Vilhena; ou as cruces galegas das igrejas de Vila Nova de las Infantas e de San Salvador dos Penedos ou da Catedral de Orense, para citar apenas alguns exemplos geograficamente mais próximos).

O Senhor Bom Jesus de Bouças, obra do século XIII, ganhou rapidamente uma fama que conseguiu, mesmo, ultrapassar as fronteiras do reino. Com efeito, Ermelindo Portela Silva revelou que, em 1342, Marina Vicente, natural de Bayona (Galiza), deixou consignado em testamento uma verba para que seu marido, Pedro Anes, cumprisse o seu voto de peregrinação ao *Croçeffiço de Ssan Salvador de Bouças* e a Santiago de Compostela. Ou seja, cerca de um século depois de ter sido encomendada, a imagem já atraía peregrinos de longe. Esta crescente fama haveria, mesmo, de se sobrepor ao orago do templo, como vimos inicialmente dedicado ao Salvador. Com efeito, em 1541 o



Cristo do Mosteiro de
Bouças. Pormenor

templo já era conhecido como *a igreja do Crucifixo de Bouças*. E, mais tarde, o Senhor Bom Jesus passou a ser mesmo o orago do templo. Sendo, obviamente, uma designação alternativa do Salvador, ela não deixa de refletir o prestígio crescente da imagem do Crucificado. A fama das suas virtudes levou a que a imagem fosse, por várias vezes, levada em procissão até à cidade do Porto, para oferecer proteção à cidade. A primeira vez que temos conhecimento que isso aconteceu foi em 1526. Mas regressou em 1585 (a 7 de junho), em 1596 (a 31 de maio), e de novo em 1644 (a 20 de junho), como nos testemunha o opúsculo que Manuel Tavares de Carvalho consagrou a esta última procissão, publicado em 1645. Mais tarde, repetiria o trajeto em 1696 (a 2 de abril), o que motivou o *Tratado da Veneranda et Prodígiosa Imagem do Senhor de Bouças de Matosinhos*, de António Coelho de Freitas, editado em 1699. No entanto, a mais celebrizada das obras consagradas ao Senhor Bom Jesus de Matosinhos foi o tratado escrito, em 1737, por António Cerqueira Pinto, *História da Prodígiosa Imagem de Christo Crucificado que com o titulo de Bom Jesus de Bouças se venera no lugar de Matosinhos*, redigido escassos quatro anos depois da imagem ter sido instalada no novo altar de talha dourada, em 1733, onde passou a presidir ao culto, numa disposição que, ainda hoje, se conserva.

No conjunto das esculturas medievais de madeira, em tamanho natural, que retratam Cristo crucificado que se

conservam em Portugal, e que ascende a três dezenas de exemplares, a escultura do Bom Jesus de Bouças é um dos exemplares mais antigos, um dos iconograficamente mais importantes e, seguramente, a mais venerada escultura do seu género, ainda hoje homenageada por uma concorrida romaria anual. É, também, aquela que, no contexto de um restauro exemplar, foi mais exaustivamente estudada, analisada e registada. Encontra-se classificada como IIP pelo Decreto 28/82, de 26 de fevereiro.

Texto: MJB - Fotos: JNC

Bibliografia

- ALMEIDA, C.A.F. e BARROCA, M.J., 2002, p. 185; AZEVEDO, C.A.M., 1983, p. 226; BOISSELLIER, S., 2012, p. 129 (de 1320), pp. 247-248 (post 1368) e p. 282 (de 1371); BRANDÃO, D.P., 1963; CAMPOS, J.A.C., S.D., pp. 145-146; CARVALHO, M.T., 1645; CHANC. D. DINIS, Livro III (1), doc. n.º 199 (de 1304, setembro, 9), doc. n.º 228 (de 1305, abril, 30) e doc. n.º 282 (de 1306, outubro, 27); CLETO, J., 1995; CLETO, J., 1997, pp. 40-44; CLETO, J., 2004, pp. 64-77; CLETO, J. e LAGOS, I., 2004, pp. 78-83; FERREIRA, J.A.P., 1958, pp. 239-251; FREITAS, A.C., 1699; FREITAS, E.A.C., 1960, pp. 137-144; GONÇALVES, A.N., 1984b, pp. 192-196; MANIÉS, A., 2016; MANIÉS, A. *et alii*, 2017, pp. 61-71; MATTOSO, J., 2002a, pp. 16-17; PINTO, A.C., 1737; PMH, DC, doc. n.º 54 (de 944) e doc. n.º 274 (de 1032); PORTELA SILVA, E., 1975, p. 415; RÉAU, L., 1955-59, II, pp. 462-512; SILVA, L., 2011.